

Caderno 2

A trajetória do The Boss

Biografia detalha vida e carreira do músico Bruce Springsteen

Pág. C7

Impasse na moda

Estilistas discutem apoio do MinC a desfile de Pedro Lourenço

Pág. C8

“

Meu método na literatura é dizer coisas presentes de forma exagerada para polarizar ainda mais as questões”



Nobel. A escritora austríaca Elfriede Jelinek venceu prêmio em 2004

Voz incômoda

“

Nenhum país teria PIB para pagar a dívida dos serviços não remunerados (e não reconhecidos) feitos pelas suas mulheres”

Elfriede Jelinek lança ‘Desejo’ no País e fala de feminismo, política e futebol

ENTREVISTA

ELFRIEDE JELINEK
ESCRITORA

Marília Kodic

ESPECIAL PARA O ESTADO

Criticada ferozmente na imprensa de seu país pelo caráter supostamente pornográfico de sua obra, a austríaca Elfriede Jelinek tem o segundo livro lançado no Brasil. *Desejo*, que chega às livrarias em setembro, trata das vulgaridades e ganâncias de uma (estereotipada, porém crível) sociedade machista. Sua primeira obra lançada no Brasil foi *A Pianista*, em 2004, adaptada ao cinema em 2001 por Michael Haneke (*A Professora de Piano*). Portadora de uma fobia social que a impediu de comparecer à entrega do Nobel, Jelinek falou por e-mail ao Estado.

● **Desejo trata do relacionamento entre homem e mulher do ponto de vista hegeliano de mestre e escravo. A ideia de mulheres como seres oprimidos e submissos ainda faz sentido hoje em dia?**

Continuo a ouvir que essa ideia seria ultrapassada, um feminismo obsoleto. Não vejo dessa forma. Em alguns casos, a igualdade realmente foi alcançada, mas vejo apenas como conquistas ocasionais, progressos pontuais. Talvez as mulheres já tenham alcançado a igualdade de direitos no Brasil, ou os brasileiros estejam confiantes de que isso vá acontecer. A relação marido-mulher como senhor-servo não tem solução. Enquanto a mulher tiver todo o trabalho doméstico, como cuidar de crianças e idosos, nada poderá mudar. Nenhum país teria PIB o suficiente para pagar a dívida dos serviços não remunerados (e não reconhecidos) feitos pelas suas mulheres. Meu método na literatura é dizer coisas

presentes de forma exagerada para polarizar ainda mais as questões. Gostaria de reforçar a mulher como ferramenta política, tenho feito muito isso em minha vida, mas tenho percebido que é em vão. Estou totalmente resignada.

● **Em *A Pianista*, vemos na protagonista, que tem traços declaradamente autobiográficos, algo da teoria da sublimação de Freud (a arte como repressão do instinto). A sra. relaciona esse princípio psicanalítico à sua vida?**
O homem não é capaz de se subjugar a uma autopsicanálise. Para isso, ele precisa de um analista. Mas pesquisei bastante sobre esse assunto e sou uma seguidora da teoria da sublimação. Por isso, queria evidenciá-la de alguma forma e mostrar para onde ela pode conduzir alguém, se levada ao extremo.

● **O livro vendeu 2 mil exemplares no Brasil, um número bom se considerada a densidade da obra e o número de leitores no País. Como avalia essa recepção?**
Infelizmente sei muito pouco sobre o Brasil. Em todo caso, sempre é representado como um país fortemente sexualizado, cheio de entusiasmo pela vida e sem grandes frustrações no que diz respeito a desejo e a sexualidade. Vemos sempre fotos de Copacabana com mulheres quase nuas, usando fios dentais, muito conscientes do que estão fazendo. Parece o pa-

TRECHO

“A mulher pula, envergonhada com seu corpo que se debate, para...

...dentro do vento. Ela se fez carne e habitou entre nós. Servir à fome, em todos os sentidos, as-

QUEM É

ELFRIEDE JELINEK
ESCRITORA

* **Nasceu em Müzzuschlag, na Áustria, em 1946, e formou-se em música pelo Conservatório de Viena. Dramaturga, poeta e ficcionista, foi premiada com o Nobel de Literatura em 2004 – mas uma fobia social impediu que fosse recebê-lo. No Brasil, publicou *A Pianista* e, agora, *Desejo* (Tordesilhas).**

raíso. No entanto, esse não é o lugar para a sublimação. Portanto não sei como um livro que relata apenas o fracasso de uma mulher brilhante que descarrilou em sua vida, chega a um país tão liberal como o Brasil, onde tudo é permitido e não é necessário sublimar.

● **De Kafka a Peter Handke, a literatura austríaca sempre teve forte tradição crítica. Acha que isso ocorre por não haver relevantes pensadores políticos no país?**
Não temos nenhum filósofo político na Áustria. Os artistas, que foram atacados e o são até hoje, foram os portadores de resistência à situação política. Sobre o atual governo, eu não quero dizer nada. Ele é (tudo é) melhor que a coligação de direita que governou em 2000 e causou danos terríveis ao país, sentidos até hoje.

● **Além de conterrâneos e contemporâneos, a senhora e Michael Haneke são ambos partidários do fazer artístico por meio das facetas, digamos, mais sombrias do ser humano. Como avalia a adaptação *A Professora de Piano*?**

É um filme maravilhoso! Como em todos os casos de adaptação literária bem-sucedida, ele acrescenta algo ao romance, enriquece-o – talvez tenha interpretações sobre o texto em que nem eu mesma havia pensado. Acho sempre fascinante quando outro artista dá ao texto dimensão tão nova que nem mesmo o autor original seria capaz de imaginar. Eu certamente sou mais irônica do que Haneke, que é muito sério e diz que a comédia nunca foi a dele. Eu ironizo tudo, obsessivamente, inclusive em minha vida pessoal.

● **No filme *Cisne Negro* (2010), a relação entre mãe e filha e a tensão sexual são muito similares às de *A Professora de Piano*. Vê essa semelhança?**

Aqui podemos voltar novamente à teoria da sublimação de Freud. A recusa, a destruição da sexualidade da filha (e sua substituição por meio da atuação artística, em ambos os casos) a conduz logicamente para uma incapacidade de sobreviver. Mas acho que nele se encontra o trivial, pois é um filme comercial que aborda apenas a questão central de uma totalidade mais complexa.

● **Na peça *Sports Play* (ainda sem tradução no Brasil), a senhora associa o esporte à guerra. O Brasil, próxima sede da Copa do Mundo, é um claro exemplo da histeria causada pelo culto ao futebol. Qual sua crítica à obsessão com o esporte?**

Minha preocupação é o endeuamento de atletas famosos, de um lado, e o desprezo pelo fazer intelectual e artístico, de outro. Incomodo-me com a histeria, a violência e agressão geradas por fãs de times de futebol. Usa-se o fanatismo como válvula para dar vazão à agressividade que é latente na sociedade. A agressão das massas é resultado das frustrações diárias decorrentes de suas circunstâncias de vida – isso certamente é um problema no Brasil: a constante falta de dinheiro, o uso de drogas, etc, que se transformam em violência. A transformação de frustração em agressão é um dos princípios básicos da psicologia.

● **A mescla de vozes narrativas e o uso de metáforas na sua obra pode ser frustrante para o leitor médio. Incomoda-a que, por demandar alto esforço intelectual, sua produção acabe ficando restrita a determinado público?**

Sei que minha maneira de escrever pode levar a uma atitude negativa e hostil do leitor. Mas isto é, principalmente, um problema de tradução. Meu trabalho com a linguagem talvez represente um obstáculo para a recepção de meus textos em países que não falam alemão. Para expressar jogos de linguagem e trocadilhos, uso um método de composição criativa – estudei composição e, em vez de trabalhar com o material musical, trabalho com a linguagem composicional. Eu escrevo literalmente o que está em meus nervos.

Saiba mais sobre ‘Desejo’, novo livro de Elfriede Jelinek, na pág. C3